Globethics Repository



A grande esperança da revolução sexual não se deu, diz analista [The great hope of the sexual revolution did not happen, says analyst]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Corso, Mario
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-03 06:53:42
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162538

são as primeiras vítimas das leis que reprimem a pornografia. As mulheres que mais ativamente militam contra a pornografia não deveriam ignorar totalmente as conseqüências de seus atos em relação à liberdade, seja artística ou de outra natureza, para si mesmas.

***IHU On-Line* - Como se constituiu e funciona hoje a indústria pornográfica?**

Ruwen Ogien – Cabe falar com historiadores, economistas e sociólogos para obter respostas exatas. Grosso modo, parece que a indústria é próspera e que se beneficiou nestes últimos anos com um movimento de "privatização" que permitiu neutralizar o mal-estar dos consumidores. No campo visual, passou-se de filmes pornográficos sórdidos ou dos *sex-shops* onde convinha não ser visto, para um consumo menos exposto ao público, inicialmente nas fitas vídeo ou DVD e, depois, na Internet. Do ponto de vista da filosofia política e moral, uma das perguntas que deve ser feita é a seguinte: Por que a crítica das condições repugnantes de muitas filmagens pornográficas culmina com o pedido da proibição da pornografia e com a exigência de melhores condições de trabalho para os artistas desse tipo de filmes?

A grande esperança da revolução sexual não se deu, diz analista

Entrevista com Mario Corso

IHU On-Line entrevistou por telefone, na última semana, o psicanalista Mario Corso, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), e co-autor do livro **Fadas no Divã. Psicanálise nas Histórias Infantis** (Porto Alegre: Artmed, 2005). Corso é psicólogo formado pela UFRGS. Na entrevista que segue, ele analisa a pornografia sob o olhar da psicanálise, afirmando que "a pessoa busca na pornografia algo que, de alguma maneira, ela já tem".

IHU On-Line – Que paralelos podem ser estabelecidos entre pornografia e erotismo?

Mario Corso – A pornografia e o erotismo são primos distantes. Às vezes, confundimos os dois, pois os limites são bem tênues. Depende da subjetividade de quem vê. O erotismo pode ser usado com fins pornográficos, e algo pornográfico pode ser erótico em algum momento. Para a psicanálise, a pornografia é uma espécie de recurso utilizado quando falha o desejo. Quando se tenta animar uma relação sexual com uma fantasia emprestada, ou seja, a própria fantasia não funciona, o objeto sexual não está agradando, então se tenta colocar uma coisa externa. É uma espécie de muleta do eros. Uma espécie de apoio. A pornografia seria, então, uma tentativa de fazer funcionar, apesar de tudo, alguma relação sexual. O erotismo, por outro lado, é a parte boa. É aquilo que incrementa um desejo que já existe.

IHU On-Line - Quais as questões centrais no debate atual sobre pornografia e banalização do sexo?

Mario Corso – A questão central é o fato de nos perguntarmos se a pornografia induz ou não a novos

comportamentos. Eu tenho visto que, quando as pessoas falam de pornografia, aparece o medo aliado ao uso. É como se, com o apoio em certas fantasias, a pessoa passasse a desenvolvê-las. Por exemplo, uma pornografia de pedofilia, induziria alguém que não é pedófilo a ser pedófilo. Se chegarmos à conclusão de que a pornografia pode induzir a novos comportamentos, ela seria perigosa. É esse tipo de questão que está por trás de algumas reclamações das feministas, dizendo que a colocação da mulher como objeto sexual é aprendido na pornografia. Ou seja, a geração que está se iniciando sexualmente acaba utilizando a pornografia como uma espécie involuntária de educação sexual, e isso torna o sexo mais distante e frio. Esse é o discurso do feminismo, que acusa a pornografia de abrir novos tipos de possibilidade. Eu não acredito que isso aconteça. Acredito que a pessoa busca na pornografia algo que, de alguma maneira, ela já tem. Pode ocorrer que alguns aspectos da pornografia podem trazer à luz fantasias obscuras de que ela não se dava conta, iluminando um campo escuro do seu ser. Mas, de fato, a pornografia não produz uma alteração do quadro erótico do sujeito. Ninguém vai se tornar um zoófilo depois de ver um vídeo de zoofilia. A pessoa olha, acha bizarro e passa. Não vai ficar se imaginando com uma ovelha (risos). Não acho que a pornografia seja perigosa. Ela é só mais um sinal do empobrecimento da vida sexual da pessoa. Mas não precisamos temê-la como problemática. Seremos contra ela quando for o caso de pornografia infantil, não somos contra porque é pornográfico, mas porque é infantil.

A educação sexual

A minha geração se divide em quem não teve educação sexual e quem teve má educação sexual. Quando éramos adolescentes, o único tipo de informação com a qual se descobria alguma coisa nova, era a pornográfica. Ali se colocavam situações novas. Algumas pessoas da minha geração têm uma certa dívida com a pornografia, que lhe abriu certas possibilidade de imaginação ou de fantasias eróticas. Mas isso pela pobreza da educação sexual e da vida erótica de uma geração reprimida, num contexto social em que a sexualidade tem uma série de entraves. Ela serviu para isso, se é que é possível o uso da pornografia para alguma coisa. Ela "educa" e pode, de alguma maneira, por não ter outro tipo de informação, ajudar em algumas fantasias eróticas.

IHU On-Line – O que faria parte de uma educação sexual de qualidade?

Mario Corso – Eu não saberia dizer ao certo. Quando se conversa sobre sexo na escola, com os pais, os jovens têm uma informação quase que biológica. Falam da transmissão de doenças pelo sexo e como se dá a concepção. Mas não se tem algo que ligue o biológico com o que seja uma explicação sobre o amor, sobre o erotismo. Fica muito vago. Eu constato, como psicanalista, que pouca gente teve boas informações sobre sexo. Isso é um fracasso da nossa civilização. Faltou uma informação mais completa sobre a vida sexual, amorosa ou erótica. Ninguém sabe como fazer isso. Daí as pessoas pegam atalhos e um deles é a pornografia, pela falta de algo melhor. Não temos uma cultura erótica, como outras civilizações têm, de um discurso sobre o gozo. É engraçada a nossa cultura. Uma criança pequena, durante a sua infância, assiste na TV a mil assassinatos, 300 destruições de carros, explosões, esfacelamentos de corpos. Nós até achamos que isso é um problema, mas se uma vez aparecer um casal fazendo sexo, achamos que isso vai danificar o cérebro dela. É extraordinária a forma como concebemos as coisas. Esperamos do sexo o traumatismo. Por isso é difícil uma educação sexual quando temos tanto tabu sobre isso, tanta expectativa

do pior. Basta vermos a confusão que houve em função de um filme sobre homoerotismo, Brokeback Mountain[16]. Eu não pensava que um filme desses pudesse causar tanta repercussão.

IHU On-Line - Como aparecem no consultório os traumas causados pela carência de uma educação sexual?

Mario Corso – O trauma não é direto. Freud tinha uma metáfora interessante. Ele dizia que a vida dos humanos é como se nós os largássemos no deserto sem mapas, considerando o mapa como o mínimo de orientação para a vida amorosa e sexual. Não é que isso cause trauma. Isso faz as pessoas se darem um monte de "cabeçadas" e "burradas" até acertar nas suas decisões. Ou então, caem em todas as armadilhas de ingenuidade que o mundo oferece.

IHU On-Line - Como se define o "sexo solitário" e quais as suas conseqüências psicológicas?

Mario Corso – O sexo solitário ainda acaba sendo melhor do que sexo nenhum. O sexo, em geral, tende ao solitário. Lacan[17] tinha a seguinte imagem sobre a relação sexual: imagine uma partida de tênis vista de cima, muito de cima. Descendo, descendo, quando chegamos perto, descobrimos que os dois sujeitos, cada um do seu lado da quadra, estão jogando contra um paredão. O que há entre eles não é uma rede, é um paredão, e cada um está jogando sozinho. As pessoas nem sempre se encontram nas suas fantasias sexuais. Quando alguém transa, ele pode ter uma fantasia que não é a fantasia do parceiro. Existe a dificuldade de um encontro sexual verdadeiro. A masturbação é um ato em que o sujeito se empobrece, pois está ali sozinho, não encontra ninguém, não conhece ninguém, está reduzido a si próprio. É um empobrecimento subjetivo e psicológico. No entanto, não é moralmente condenável, não gera trauma, não faz crescer pêlos nas mãos (risos...). Tinha uma época que se achava que a masturbação causava neuroses ocultas. Isso não existe mais, já avançamos nesse sentido, não há mais uma culpa por isso. Pouca gente se culpa por se masturbar. Algumas pessoas se envergonham disso, mas porque é a evidência do fracasso de uma relação.

IHU On-Line - Como entender a pornografia na rede mundial de computadores?

Mario Corso – Não acho que com a entrada da Internet a pornografia tenha mudado. O que mudou foi o meio. Existe algum meio conhecido que o homem não tenha usado para o sexo? Qualquer meio que descobrirmos será usado para veicular fantasias sexuais, sejam elas eróticas ou pornográficas. A novidade não é a pornografia, é a Internet e a possibilidade com que ela distribui as coisas com muita eficácia. A pornografia continua a mesma. Não se produziu nada de novo. A única coisa que a Internet produziu de novo é o sexo virtual. Isso foi uma novidade, mas daí já estamos fora da pornografia. Estamos no campo de uma nova forma masturbatória, de evitar corpos. É o sexo com o corpo "de fora". A pessoa consegue brincar com uma alteridade, mas com a segurança de que o corpo não está em questão.

IHU On-Line - Quais as relações que existem entre o sexo virtual e o grande pânico que tomou conta de nossa época, com epidemias de

---

[16] **Brokeback Mountain**: filme norte-americano indicado ao Oscar 2006, dirigido por Ang Lee, que conta a história de dois jovens que se conheceram no trabalho em uma montanha isolada, iniciando no local um relacionamento amoroso. (Nota da ***IHU On-Line***)

[17] **Jacques Lacan** (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da ***IHU On-Line***)

Aids, e todos os medos que assolam as sociedades atuais?

Mario Corso – Todas as relações possíveis são verdadeiras. Só que não precisaria tudo isso para explicar o sexo virtual. Existem pessoas que são inibidas e só por isso já usariam. O resto simplesmente empurra as pessoas para essa prática. Não precisam sair de casa, não correm o risco de saúde, porque hoje as doenças são muito sérias. Mesmo se a nossa sociedade fosse um lugar onde fosse "fácil" viver, nós iríamos continuar tendo sexo virtual. Digo como analista: o sexo continua sendo um problema para a maior parte das pessoas. A grande esperança da revolução sexual não se deu. Acreditávamos que uma sociedade menos repressiva seria menos neurótica, que pessoas que tivessem mais influências sexuais seriam mais felizes, estariam menos encanadas e preocupadas com o sexo. Isso era uma promessa desde a revolução cultural, da contracultura dos anos 1960, e não aconteceu. Claro que melhorou, temos menos tabus, acesso a mais experiências, mas não somos sexualmente mais felizes. De jeito nenhum. A esperança do sexo como fonte de felicidade humana deixou muito a desejar.

IHU On-Line - O que falta para isso acontecer? Por que o sexo ainda é um problema para as pessoas?

Mario Corso – É difícil dizer o que falta para isso acontecer, porque não é garantido que aconteça. Pode ser que isso simplesmente não esteja no projeto. Esperava-se muito da sexualidade, mas talvez ela não tenha isso para dar. Uma pessoa sexualmente realizada seria uma pessoa feliz? Não sei! Nós vivemos em uma sociedade ainda neurótica. Ainda achamos que o sexo perturba as crianças, que é perigoso.

IHU On-Line - O que acontece com o erotismo numa época de freqüentes intervenções e modificações no corpo?

Mario Corso – Eu acho que é o contrário. Vejo esse fenômeno como uma tentativa desesperada de fazer uma erotização no corpo. O corpo de hoje precisa receber um incremento especial. Por isso ele é tatuado, tem piercing, é queimado, marcado, malhado. O corpo está em uma posição diferente. Não está muito claro, mas parece que há um enfraquecimento do que seja assumir um corpo e dispor dele. Parece que estamos mais inseguros a respeito disso e precisamos investir mais no corpo, erotizá-lo. Vivemos o contrário da sua pergunta. Devemos nos perguntar o que o erotismo está fazendo com os nossos corpos. Talvez nós precisemos de corpos muito mais investidos. Nós nos ocupamos muito dos corpos. Há corpos que dão um trabalho incrível! É uma hora de ginástica por dia, comida especial, vivemos em função de cuidados com o corpo.

IHU On-Line - Como viver o desejo e as relações afetivas no sexo, em uma sociedade marcada pela necessidade da experiência e do gozo?

Mario Corso – Realmente nós vivemos o imperativo de que é necessário gozar. A vida não tem sentido se não procuramos e obtemos gozo. É difícil, porém, conciliar esse imperativo do gozo com relacionamentos estáveis, porque é mal visto quem tem só uma experiência. Por exemplo, quem se casou e está bem, parece que está sentindo falta de algo, porque não teve experiência com outra, com outra e com outra pessoa, como se esse passeio por muitas pessoas fosse dar algo a mais.

IHU On-Line – Qual a vantagem que faz as pessoas buscarem a pornografia?

Mario Corso – Uma das grandes vantagens da pornografia é que ela

coloca em cena uma fantasia que as pessoas gostam de dizer que vêm de fora, quando na verdade vem de dentro. Se uma pessoa assiste a um filme pornográfico e se excita com aquilo, ela pode pensar "ah! mas aquilo é lá, é um outro que está vivendo aquilo". Mas, na verdade, essa pessoa está batendo num reflexo de uma fantasia interna. A pornografia é uma dupla face. Ela se vende como uma algo liberal, quando na verdade ela pode estar sendo usada para recalcar a própria fantasia de quem a consume.

"Sexo é um grande tema humano"

Entrevista com Pedro Doria



Pedro Doria estudou jornalismo na UFRJ, escreve no site NoMínimo (www.nominimo.com.br) e é colunista da Revista da **Folha de S. Paulo**. Publicou, em 1995, o **Manual para a Internet.** Rio de Janeiro: Revan, 1995, primeiro livro brasileiro sobre a rede. Ele acaba de lançar o livro **Eu gosto de uma coisa errada** (Rio de Janeiro: Ediouro, 2006), que fala sobre a pornografia e a sexualidade na era da internet. Doria concedeu uma entrevista na 145ª edição da **IHU On-Line**, de 13 de junho de 2005, sobre weblogs. A entrevista que segue nos foi concedida por e-mail.

***IHU On-Line* - Qual a motivação para escrever um livro-reportagem sobre o comportamento sexual no Brasil, na era da Internet?**

Pedro Doria – O livro é uma coleção de reportagens publicadas em NoMínimo e na Revista da **Folha de S. Paulo**. Poucas coisas rendem melhores histórias do que os momentos extremos da vida – é quando somos todos mais humanos, mais sinceros. Pode ser em meio à violência extrema, perante o risco de vida, nos momentos de grandes decisões e, muitas vezes, numa relação sexual. Há muita emoção envolvida, alta fragilidade, muita cobrança social, sexo é um grande tema humano. Portanto, um grande tema jornalístico. Este é um motivo. O segundo motivo é que sexo não é bem coberto pela imprensa em geral. A imprensa fala de sexo – sexo vende, afinal –, mas fala ou com um tom de sacanagem ou com um tom moralista. Ou procura o lado picante do sexo ou o criminal. Sexo como sexo, é difícil encontrar.

***IHU On-Line* - Quais os casos mais relevantes no seu livro-reportagem?**

Pedro Doria – Não sei se há um caso mais relevante que o outro. Talvez, porque ela ficou popular, uma das reportagens traz a primeira aparição da Bruna Surfistinha[18] na imprensa, eu a

[18] **Bruna Surfistinha**, nascida em São Paulo, em outubro de 1984, foi o pseudônimo adotado por **Raquel Pacheco**, prostituta e atriz pornô brasileira, que se tornou célebre através da internet a partir de 2005. **Bruna Surfistinha** ganhou milhares de acessos ao montar um blog onde falava de sua vida, do que fazia com seus clientes. Esse blog logo atraiu a atenção dos internautas, atingindo cerca de 15 mil visitas diárias ao site. Em pouco tempo atraiu também a atenção da imprensa. Ainda sob os auspícios da fama de seu blog, **Surfistinha** publicou pela *Panda Books*, de São Paulo, em 2005, o relato de